

# NOTA DE APRESENTAÇÃO



O livro que agora vem a público resulta no essencial da reunião das comunicações apresentadas no colóquio *Baobá, pinheiro, ácer: Manuel dos Santos Lima, escritor «orgânico»*, que decorreu, com a presença do homenageado, a 10 e 11 de novembro de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Na altura como agora, o objetivo principal era o de reconhecer um escritor importante da literatura angolana, aproveitando para assinalar a passagem do seu 80.º aniversário. Por outro lado, dá-se continuidade ao trabalho que foi feito no seminário de Literaturas Africanas II do Mestrado em Estudos Africanos, no qual fora abordada a obra de Manuel Lima, tendo havido também oportunidade para se fazer, estudantes e docente, uma longa entrevista ao autor, parcialmente aproveitada no texto final deste volume.

Em parte pela sua vivência *tricontinental* (e a sugestão de paralelismo com Glauber Rocha é menos despropositada do que pode parecer à primeira vista), em parte pela sua divergência política, a partir de certa altura, com Agostinho Neto e o MPLA, em parte ainda pela contundência da sua crítica à geração da *distopia* contida no romance *Os anões e os mendigos*, de 1984, a verdade é que Manuel dos Santos Lima não tem sido valorizado como entendemos que merece. E a sua obra, com a qualidade que lhe tem sido reconhecida pelos escassos especialistas que nela atentaram, apresenta uma assinalável diversidade (poesia, teatro, romance e ensaio) e longevidade (o primeiro livro, *Kissange*, é de 1961, mas inclui textos escritos na década anterior).

Introduzir no título deste volume o adjetivo *tricontinental* é também uma forma de sublinhar a condição multiexílica de um autor que, ontem como hoje, tem estado acima do seu tempo, fazendo do mundo o seu espaço, sem com isso abdicar da sua condição de angolano.

Na conferência de abertura, Salvato Trigo, abordando o conjunto da obra de Manuel Lima, destaca justamente as cicatrizes dos vários exílios que o marcaram, estabelecendo uma aproximação a *Les soleils des indépendances*, de Ahmadou Kouroma, e a *The interpreters*, de Wole Soyinka, e concluindo que estamos perante uma «escrita fundadora, em que se filiarão mais tarde, nos finais dos anos de 1990, Pepetela e Manuel Rui Monteiro».

A historiadora Anabela Silveira apresenta-nos uma leitura dos romances de Lima à luz dos acontecimentos que marcaram a recente história de Angola, mostrando que foi «essa desilusão, essa desesperança, esse descomprometimento em relação ao poder e regime instituídos que lhe permitiu um olhar sagazmente crítico sobre o longo trajeto percorrido pelos angolanos – do colonialismo à luta de libertação, da independência a outras dependências, em que o sonho de uma sociedade mais justa ficou pelo caminho».

O também historiador, brasileiro, Fernando Afonso Ferreira Junior aproveita a trilogia romanesca de Santos Lima para abordar a importância estratégica do caminho-de-ferro, tanto no contexto colonial como no período posterior à independência. Ainda no domínio da história económica, segue-se o minucioso trabalho de Maciel Santos, sobre as «relações industriais» da Diamang durante a década de 1960, ao longo do qual o autor faz também

um enquadramento comparativo com o antigo Congo belga quanto à evolução da ligação entre capital e trabalho em Angola durante as últimas décadas da administração colonial.

Maria Belém Ribeiro e o jovem estudante Rui Teixeira dedicam os seus trabalhos ao estudo da poesia de Manuel Lima, a primeira fazendo uma leitura semiótica de alguns textos de *Kissange*, o segundo analisando a composição «África» à luz do Génesis.

*A pele do diabo*, publicada em 1977 mas escrita na década anterior, constitui o foco dos trabalhos das estudantes Patrycja Litewnicka e Lara Videira, ao passo que o historiador e romancista Alberto Oliveira Pinto analisa com minúcia a dimensão histórica do romance *Os anões e os mendigos*, considerando que ele «ficará na história da literatura angolana como uma das primeiras e corajosas denúncias do despotismo forjado, herança do discurso darwinista enselvajador, legitimador das desigualdades sociais e humanas no continente africano, falaciosamente projetado para um período pós-colonial e para um neocolonialismo ainda hoje bem vivo».

Pires Laranjeira procede a uma leitura de conjunto da obra de Santos Lima, que reputa «um pioneiro e uma raridade no campo cultural e político dos países africanos de língua portuguesa», aproximando-o «dos escritores africanos que se têm oposto aos poderes estabelecidos nos seus países, desde Mongo Beti a Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong’o, Soni Labou Tansi ou Christopher Akigbo».

Monalisa Valente Ferreira reflete sobre os romances mais recentes do autor, *As lágrimas e o vento* e *Os anões e os mendigos*, servindo este último de tema aos três artigos finais. Cristina Vieira trata com demora da intertextualidade entre a narrativa e a Bíblia, Francisco Topa discute a possibilidade de se tratar de uma obra à *clef* distópica e Ana T. Rocha mostra como a desilusão e a crítica estão simultaneamente próximas e distantes do romance de Pepetela *A geração da utopia*.

O volume encerra com um trabalho intitulado *Elementos complementares para uma biobibliografia de Manuel dos Santos Lima*, que tenta sistematizar e esclarecer alguns aspetos da vida e da obra do autor, incluindo também algumas fotografias menos conhecidas.

Resta-nos esperar que o livro tenha alguma recetividade e ajude a fazer justiça a um escritor e a um homem que optou sempre pelo lado mais difícil da vida e da história. Com a sua publicação em 2016 assinalamos também a passagem dos 40 anos do ensino na FLUP das literaturas africanas de língua portuguesa, inaugurado a 19 de novembro pelo Prof. Salvato Trigo.

Porto, abril de 2016

*Francisco Topa e Irena Vishan*